


## CONTANDO VERSOS, CONTANDO HISTÓRIAS: APORTE DA LITERATURA DE CORDEL NA EDUCAÇÃO BÁSICA

 <https://doi.org/10.56238/arev7n3-109>

Data de submissão: 10/02/2025

Data de publicação: 12/03/2025

**Sidney da Silva Chaves**

Formado em Letras pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar-PR)

História (Unemat-MT)

Mestre em Ciências da Educação no PY (Interamericana), revalidado no Brasil pela Universidade de Uberaba (Uniube)

Especialista em Língua Portuguesa (Unemat)

Especialista em Metodologia e Didática do Ensino Superior pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Urubupungá (SP)

Especialista em História de Mato Grosso pelo Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT-MT)

Professor efetivo da Rede Estadual de Educação de Mato Grosso (Seduc)

Atuando como Professor Formador de Língua Portuguesa na Diretoria Regional de Educação-DRE/COFOR

Leciona Língua Portuguesa na União das Faculdades de Alta Floresta-UNIFLOR desde 1996

E-mail: sidneydasilvachaves@gmail.com

**Alba Maria Mendonza Cantero**

Doctorado en Ciencias de la Educación Universidad del Sol – UNADES

Maestría en Ciencias de la Educación; Universidad del Sol – UNADES

Licenciada en Ciencias de la Educación- Universidad Interamericana

Secretaria geral administrativa da Unvers Del sol Unades

E-mail:albamendoza0508@gmail.com

### RESUMO

As aulas ministradas na Educação Básica, especificamente, junto ao componente curricular Português, precisam considerar aspectos culturais, sociais e, ainda, históricos sobre as vivências locais. Paralelamente, a literatura de cordel, por ter uma vertente de circulação mais popular, acaba por ser um gênero textual que se mostra especialmente representativo da cultura regional, sendo, também, interessante para se trabalhar noções voltadas à musicalidade, à valorização de diferentes variedades linguísticas e à exploração de diferentes formas de se trabalhar noções gramaticais e de caminhos menos eruditos para se fixar, por exemplo, regras ortográficas. Dessa maneira, este artigo tem a meta principal de examinar as contribuições que a literatura de cordel pode trazer para o ensino de língua portuguesa na educação básica, considerando o seu papel democratizador de conhecimentos e seu aporte na valorização da cultura local. Dessa maneira, com uma postura bibliográfica, trata os dados analisados com uma abordagem qualitativa que prima por estudos mais recentes que expressem uma valorização do gênero aqui sob investigação. Os resultados evidenciaram que os cordéis apresentam uma ludicidade inerente à sua composicionalidade, contribuindo de modo muito significativo para as ações pedagógicas empenhadas nas aulas de Português.

**Palavras-chave:** Educação Básica. Ensino. Literatura de Cordel. Língua Portuguesa.

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil de hoje, autênticos panfletos de literatura de cordel ainda são escritos e podem ser adquiridos com o mesmo espírito e características daqueles publicados na Península Ibérica há séculos. Embora seja um gênero remoto e marginal, muito mais hodiernamente do que no passado, e difícil de encontrar em suas formas mais puras (exceto em feiras, mercados e estabelecimentos específicos em certas cidades nordestinas), continua sendo um fenômeno atual e vivo que desperta o interesse de pesquisadores, professores de Educação Básica e das associações que recuperam e republicam os chamados "clássicos" do cordel (HAURÉLIO, 2018).

A vitalidade também pode ser vista nos temas muito variados abordados pelo cordel brasileiro e que são surpreendentemente semelhantes aos das folhas soltas que proliferaram na Espanha e em Portugal. Um desses temas é a cavalaria, as de causos diversos, somadas às temáticas licenciosas e políticas. Em muitas ocasiões, são histórias totalmente inéditas que só adotam os clichês e linhas gerais dos livros populares, mas outras vezes, para nosso grande espanto, podemos nos deparar com versões bastante fiéis de histórias que traçam sua origem na Europa medieval, como panfletos que reúnem a tradição do Ciclo Bretão ou do Ciclo Carolíneo (CURRAN, 1998).

Uma pergunta se evidencia nesse ponto: *como tais histórias medievais se enraizaram na literatura popular do Nordeste do Brasil depois de tantos anos, sendo amplamente utilizada em âmbito escolar?* Por mais complexa que seja essa pergunta, este estudo almeja obter uma resposta para esse inquiridor motriz e, no mesmo encaixe, se ocupa a examinar as contribuições que a literatura de cordel pode trazer para o ensino de língua portuguesa na Educação Básica, considerando o seu papel democratizador de conhecimentos e seu aporte na valorização da cultura local, sendo esse o objetivo geral deste estudo.

Tal empenho investigativo se justifica, pois, a literatura de cordel é um gênero textual canonicamente reconhecido, ainda que provenha de origens populares, cabendo às instituições inserirem no seu cotidiano escolar tais registros a fim de valorizar a cultura local e explorar matrizes diferentes nas salas de aula. Ainda, para Brito et al. (2023), na academia, “[...] a Literatura de Cordel é pouco utilizada. Os professores não costumam abordar seus conteúdos de forma menos convencional” (p. 5).

Sobre a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), observa-se que a literatura de cordel não se apresenta de modo expressivo, contudo enfatiza a importância de se primar pela diversidade cultural e pela valorização das manifestações artísticas em curso no Brasil, o que abarca as obras escritas sob o formato da literatura de cordel (BNCC, 2018). Sobre isso, cabe refletir que “[...] tal desprezo

certamente tem sido um extraordinário obstáculo tanto para a formação de leitores como para a construção de uma sociedade brasileira mais justa, coerente e humana” (AZEVEDO, 2006, p. 4).

Ademais, ainda circunscrevendo-se ao âmbito do ensino e pautando-se em Lacerda e Menezes Neto (2010), tenciona-se que a literatura de cordel pode ser utilizada para trabalhar diversos conteúdos curriculares de forma criativa, lúdica e, inclusive, interdisciplinar, já que os versos trazem representativos históricos e sociais que são de caro interesse de componentes curriculares como a História e a Sociologia. Logo, por meio dos folhetos de cordel, os alunos de Educação Básica podem ter contato com uma forma de expressão artística de ordem marginal e popular, visto que aborda temas em suas obras como cultura, história, costumes e questões sociais.

Brandão (1990) cita, inclusive, que “[...] o folheto de cordel não circula apenas entre os que sabem ler, mas também entre os que não o sabem; e estes, às vezes, até em maior número” (BRANDÃO, 1990, p. 30). Assim, os cordéis contribuem para ampliar o repertório cultural dos estudantes nas aulas de língua portuguesa, desenvolvendo habilidades de leitura, interpretação e produção textual.

Dessa forma, esta pesquisa, metodologicamente, se configura como uma pesquisa de vertente bibliográfica, analisando dados de ordem qualitativa e pautando-se nas teorias de Bardin (2011). A fim de recorte, foram priorizados estudos mais recentes, contudo outros registros mais antigos foram necessários, tendo em vista a historicidade desse gênero. Posto isso, este artigo se organiza em diferentes seções. A primeira, *A ludicidade da oralidade na Literatura de Cordel*, objetiva associar a percepção da ludicidade aos escritos em cordel a fim de possibilitar novas visões pedagógicas para esse gênero; a segunda, *Um breve panorama do cordel no Brasil*, almeja discorrer sobre aspectos históricos do gênero textual literatura de cordel a fim de possibilitar um maior aprofundamento temático; e a terceira, *Literatura de Cordel e Ensino de Língua Portuguesa*, se ocupou de relacionar o universo do ensino de língua portuguesa aos escritos literário em cordel a fim de propor algumas alternativas ao ensino de língua que valorize aspectos locais e culturais.

## **2 A LUDICIDADE DA ORALIDADE NA LITERATURA DE CORDEL**

Nos últimos anos, a importância da oralidade e da voz para os textos em língua portuguesa escritos e impressos durante os períodos renascentista e barroco, e mesmo para muitos textos dos séculos XVIII e XIX, tornou-se cada vez mais evidente. A descoberta de certas formas de composição intimamente relacionadas à tradição oral e ao costume de ler textos em voz alta tornou necessária a revisão de muitas ideias sobre a invenção, difusão, fruição e recepção de vários tipos de literatura desses períodos, que à luz dessas investigações adquirem outra dimensão (BRITO et al, 2023).

A literatura de cordel não é exceção. À medida que avança nosso conhecimento dos diferentes tipos de textos impressos em folhas soltas, fica mais claro que a literatura de cordel está intimamente relacionada a um tipo de cultura em que a oralidade desempenha um papel fundamental, proporcionando um lúdico retrato da literatura brasileira. O caráter popular dessa literatura, seu material textual, o papel cordelista como seu emblemático divulgador, sua sobrevivência ao longo de um período de mais de quatro séculos, tornam necessário rever muitas de suas características à luz dessa relação. Apesar de muitos trabalhos recentes sobre literatura de cordel terem incorporado de forma isolada observações mais ou menos detalhadas sobre sua relação com alguns elementos da literatura oral, nenhum assumiu até agora a tarefa de fazer uma delimitação clara do fenômeno ou das linhas de estudo e problemas que surgem ao abordá-lo. Para Brito et al. (2023):

A produção dos cordéis é uma estratégia pedagógica que exige baixo custo, envolve ludicidade e estimula a criatividade, permitindo ao aluno a observação da realidade, fazendo-o refletir e questionar seus atos, expressando seu conhecimento, sua emoção e sua razão em prosas e versos (BRITO et al., 2023, p. 4).

Cabe destacar na seara escolar que a ludicidade concernente à oralidade da Literatura de Cordel materializa-se tanto na forma quanto no conteúdo das narrativas. Do ponto de vista formal, os versos rimados e as métricas características dos cordéis criam um ritmo cadenciado e cativante, que prende a atenção do público e cria uma atmosfera de encantamento. O cordel de Severino Milanês da Silva, nascido em 1906, conhecido como *A greve dos bichos* ilustra bem esse lúdico muito adequado ao ensino:

Muito antes do Dilúvio  
era o mundo diferente,  
os bichos todos falavam  
melhor do que muita gente  
e passavam boa vida,  
trabalhando honestamente.

O diretor dos Correios  
era o doutor Jaboty;  
o fiscal do litoral  
era o matreiro Siry,  
que tinha como ajudante  
o malandro Quaty.

O rato foi nomeado  
para chefe aduaneiro,  
fazendo muita "moamba"  
ganhando muito dinheiro,  
com Camundongo ordenança,  
vestido de marinheiro.

O Cachorro era cantor,

gostava de serenata,  
andava muito cintado,  
de colete e de gravata,  
passava a noite na rua  
mais o Besouro e a Barata  
(Arquivo Pessoal, 1950)

Além disso, a musicalidade da oralidade, como se evidencia em Severino Milanês da Silva, muitas vezes pode ser acompanhada de instrumentos como viola e zabumba, fazendo uma interdisciplinaridade com professores de música, contribui para a criação de um ambiente educativo mais distenso, festivo e alegre, que convida à participação, ao aprendizado e à diversão. Já do ponto de vista do conteúdo, a ludicidade de textos como de Severino Milanês da Silva se manifesta nas histórias fantásticas, como o trecho de *A greve dos bichos*, repletas de personagens extraordinários, personificados e acontecimentos inusitados. Como se evidencia, as tramas dos cordéis frequentemente envolvem elementos do folclore, de religiões de matrizes africanas, em referência à cultura dos povos originários, da mitologia e da cultura popular, criando um universo lúdico, mágico e imaginativo que cativa o público e estimula a reflexão sobre questões mais profundas e universais.

Logo, torna-se primordial levantar algumas ideias sobre a relação entre literatura de cordel, a ludicidade e oralidade no que tange ao ensino de língua. Com isso, deve-se descrever a relação que existe entre os textos que ainda são impressos em folhas soltas e os tipos de oralidade que a cultura local. Conforme assevera Rufino (2017), “[...] o cordel é uma metodologia facilitadora da comunicação do processo de ensino e aprendizagem permitindo a construção de conhecimentos” (p. 1). Torna-se imperioso, ainda, as implicações textuais dessa relação, ou seja, as marcas de oralidade existentes na estrutura, composição e disposição dos textos nas folhas de cordéis.

Dessa maneira, é preciso dizer que a escola não precisa tratar de um gênero literário específico dentro da literatura de cordel, mas se dar valor às folhas soltas como meio econômico e prático de divulgação para divulgar certos tipos de textos que se encaixam em seu formato e particularidades (FONSECA; FONSECA, 2008).

### **3 UM BREVE PANORAMA DO CORDEL NO BRASIL**

A definição mais simples, e ao mesmo tempo mais abrangente, que tem sido dada à literatura brasileira de cordel talvez seja ser uma poesia narrativa, popular, impressa. Deve-se entender, então, que o cordel escrito por autores doutos (fenômeno que tem se tornado muito difundido ultimamente) não é uma manifestação tão pura, ou em todo caso é um "parafolclore" (CAMPELLO; SANTANA, 2019). Ainda, cabe destacar que:

A literatura de cordel, no sentido mais tradicional [sic] se refere apenas aos contatos do homem do povo com o seu semelhante. É, [sic] uma progressão mais recente, pode influir ou ser influenciada pela mídia. É nesse sentido que podemos falar em um verdadeiro renascimento da literatura de cordel no Brasil (LUYTEN, 2005, p. 10).

Os estudiosos do cordel são da opinião de que um traço essencial dos poetas deve ser comunicar as preocupações mais íntimas do povo, e que para isso devem pertencer a eles, com marcas de um analfabetismo estilístico, ou melhor, um semi-analfabetismo característico do típico autor de cordel. Também deve ser considerada a poesia oral conhecida como repentismo (assim chamada por causa do caráter parcialmente improvisado das composições), que inclui canções e desafios poéticos.

Há uma ligação muito estreita entre desafios sociais e panfletos, não só pela versificação e pela linguagem espontânea e popular, mas também porque muitas pejejas poéticas famosas foram posteriormente recolhidas em cordel por poetas que assistiram ao desafio (às vezes como participantes) ou que o ouviram depois reproduzido com maior ou menor fidelidade. Após a definição, que é, sem dúvida, muito geral, talvez uma descrição física dos panfletos seja a mais apropriada: se há algo que se destaca fundamentalmente para as cópias mais autênticas, é sua economia em recursos. São livretos de 8, 16, 24 ou 32 páginas (quantidades obtidas dobrando o papel, como aponta Martins (2020), tamanho de página, às vezes datilografado e aparentemente fotocopiado, e com uma capa (ou camada) de papel quase sempre colorido que apresenta uma gravura bruta (ou xilogravura) em preto ou uma fotografia relacionada ao assunto do livreto. A imagem a seguir traz esse registro:

**Imagem 1.** Capa de cordel



**Fonte:** Arquivo pessoal (2024).

Essas gravuras, como a capa de cordel de Hamurabi Batista, poeta que participou do movimento dos *Poetas Mauditos* em Juazeiro do Norte-CE, são obras de artistas populares recorrentes que sempre assinam seus escritos, são um dos aspectos dos panfletos de cordel que mais têm atraído

a atenção, a ponto de algum eminente crítico de arte do país ter chegado a dizer que tais xilogravuras, representam a maior contribuição do Nordeste para as artes visuais brasileiras. Por tais razões, “[...] é preciso colocar a leitura como um andaime para uma efetiva reflexão social que leve o educando à formação e ao exercício da cidadania” (CONCEIÇÃO; GOES, 2016, p. 97)

Graças ao preço de impressão excepcionalmente baixo, tiragens astronômicas podem ser alcançadas, às vezes excedendo um milhão de cópias. Além disso, os poetas publicam um número incrível de obras: 200, 500 ou até mil panfletos. Assim, estima-se que entre vinte e vinte e cinco mil títulos já tenham sido publicados e, para Abreu (1999, p. 23) acredita, particularmente, ser “[...] correto dissociar ‘cordel’ e ‘popular’, uma vez que tanto autores, quanto público dessa literatura, não pertencem exclusivamente às camadas populares”. Logo, estes números são todos espantosos (quase enigmáticos) num país onde prevalece o analfabetismo e onde a imprensa só o chegou em 1808. Tudo isso é um bom exemplo da enorme difusão do cordel e, da mesma forma, indica que os autores, nunca anônimos, se tornam realmente populares em todos os sentidos.

#### **4 LITERATURA DE CORDEL E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

No que tange à literatura de cordel nas aulas de português, Severo (2020), ao abordar a aplicação desse gênero textual com dados e personagens históricos na escola, faz referência ao cordelista Medeiros Braga. Dentre as diversas frentes que podem ser desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa, estão as que disponibilizam os registros em cordéis que exibem informações da vida nacional e do contexto universal. Cabe ao professor de português em parceria com demais profissionais de outros componentes curriculares, possibilitarem o fazer conhecer desses sujeitos por vezes invisibilizados, colocando-os em uma evidência positiva e em um referencial artístico inspirador.

Logo, as obras cordelísticas de Medeiros Braga, poeta nascido na Paraíba, produziu diversos cordéis sobre a história de pessoas conhecidas, tais como, Maiakovski, que foi um poeta revolucionário, o mundialmente reconhecido Martin Luther King que esteve à frente do *apartheid* nos EUA; sobre *O cordel do Império Romano* e, ainda, com temática voltada ao *O quilombo Manoel Congo: a saga de um guerreiro*.

Outras referências, mais ou menos famosas, podem ser inseridas em sala de aula, tais como, i) *Leandro Gomes de Barros*, que foi considerado um tipo de pai da literatura de cordel no Brasil, sendo um dos mais importantes artistas cordelistas da história do cordel no Brasil, pois as suas obras abordam desde histórias do sertão até críticas sociais e políticas; ii) *Patativa do Assaré*, um dos mais conhecidos popularmente falando poeta popular brasileiro, já que suas obras que retratam a vida e a cultura do

povo nordestino com ênfase em temas como a seca, a vida no campo e as tradições do Nordeste; iii) *Aldemar Paiva*, um cordelista mais contemporâneo que em, suas obras, aborda temas sociais e políticos, como a desigualdade, a corrupção e a violência, marcados pela crítica social e pelo engajamento político, sendo uma fonte valiosa para a discussão desses temas em sala de aula; e iv) o grupo musical *Cordel do Fogo Encantado*, que mescla a música popular com a literatura de cordel, abordando temas como o amor, a morte e a busca pela liberdade, sendo uma fonte rica para o estudo da poesia e da música popular brasileira (ABREU, 1999).

Esse esforço pedagógico visa publicizar a literatura que se revigora, abrindo lugar para novas iniciativas, na mesma medida que lida com as novas tecnologias disponíveis na hodiernidade. É nesse dilatado conjunto que os registros literários em cordel têm artifícios para de se revigorar e se juntar às vivências leitoras das novas gerações. Tomando como premissa o colóquio estabelecido junto a seara sócio-histórica e cultural em que foi desenvolvida, os cordéis podem ser inseridos nas propostas curriculares das escolas de Educação Básica de modo fluido e imbicado às aulas de Português. Na proposição citadas anteriormente, as iniciações poderiam partir das produções de Medeiros Braga, Leandro Gomes de Barros, Patativa do Assaré, Aldemar Paiva e Cordel do Fogo Encantado inseridos projetos e propostas de leitura em grupo ou mediada a serem executados pelos estudantes e professores que compõem o todo das escolas, fomentando processos contínuos e formativos de crianças e adolescentes para, na sequência, serem desdobrados a demais artistas cordelistas. A fim de exemplificação, apresenta-se a capa de um cordel de Medeiros Braga.

**Imagem 2.** Capa do folheto “O cordel em cordel”



**Fonte:** Arquivo pessoal (2024).

Trazendo contribuições ao ensino, somente a capa de Medeiros Braga possibilita uma gama de possibilidades de ações pedagógicas com esse tipo de registro literário. Podem-se ser exploradas habilidades prévias como análise do título, interpretação da xilogravura, biografia do autor,



enquadramento social dos personagens, a importância da *Academia Brasileira de Literatura de Cordel* para a sociedade como um todo entre outras ações. Adicionalmente, podem ser executadas as seguintes ações:

**Quadro 1.** Proposta de trabalho com cordel nas aulas de Português, Literatura e História

<b>EIXO DE ENSINO</b>	<b>PASSO-A-PASSO</b>	<b>MATERIAL DIDÁTICO</b>	<b>OBSERVAÇÕES</b>
- Leitura	- Leitura de cordéis (Literatura).	- Computador e cordéis digitais e impressos.	- As leituras poderão ser indicadas pelo professor ou de livre escolha.
- Oralidade	- Análise oral dos cordéis com temas históricos (História).	- Computador e cordéis digitais e impressos.	- O debate pode ser feito a partir das leituras de feitas.
- Produção de texto	- Produção de cordéis a partir da proposta de Medeiros Braga (Língua Portuguesa).	- Computador e cordéis digitais e impressos. - Caderno e desenvolvimento de uma conta em rede social para publicação cordéis digitais (autorais e escolhidos)	- A tecnologia será utilizada para visibilizar os cordéis escolhidos e autorais.

**Fonte:** Adaptado de Araújo (2022).

Logo, ao lidar com esta forma de fazer literatura em âmbito estudantil, Lucena (2021) admite que, de acordo com a história, esse gênero textual foi denegado das escolas e, em consequência, não prestigiado pela sociedade, cabendo iniciativas como a de Araújo (2022) e a que aqui se delineia a fim de reverter esse quadro de desprestígio. Para essa autora, os registros literários em cordel eram percebidos:

[...] como obra de gente rude, sem domínio da norma culta da língua, os livretos de cordel não eram tidos como obras clássicas no sentido explicado por Marisa Lajolo (1982, p. 23), ou seja, não eram dignos de entrar nas classes, nas salas de aula, por não serem considerados adequados à leitura dos estudantes (LUCENA, 2021, p. 429).

Partindo dessas percepções, para que essa real importância se concretize na sociedade, é necessário expandir as ações dessas leituras nas escolas, encarregando-se de priorizar textos que sustentem um intenso vínculo com as comunidades locais e regionais e que sirvam de lugar de origem. Para tanto, colocar em baila estudantil um representante cordelista de uma dada localidade é ter a competência de trazer pra perto e impulsionar os alunos no percurso artístico e das práticas de leitura, tendo como marco zero os registros literários em cordel. Com isso, mantém-se viva a cultura local e

regional no âmbito dos mais jovens, incitando os processos criativos na confecção de novas obras sob a forma de folhetos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo objetivou examinar as contribuições que a literatura de cordel pode trazer para o ensino de língua portuguesa na educação básica, considerando o seu papel democratizador de conhecimentos e seu aporte na valorização da cultura local. Com isso em tela, observou-se que as características gerais do cordel brasileiro, que se mostraram muito próximas às da literatura de base cordelística europeia hoje quase extinta em territórios fora do Brasil. Constatamos também que, além do fato de que a literatura de cordel como um todo é uma herança da Europa, no Brasil de hoje ainda existem alguns elementos que pertencem mais diretamente à tradição do velho continente e outras assumidas no Brasil como características próprias e particulares.

Entre esses panfletos há alguns que são os últimos elos, mais ou menos fiéis, numa cadeia de transmissão literária que encontra suas origens na Idade Média europeia, e mesmo na remota tradição oral. Foram apresentadas algumas possibilidades de inserção desse gênero nas aulas de português, sendo destacadas as possibilidades de se trabalhar de modo interdisciplinar.

Portanto, mesmo sem uma menção específica na BNCC (2018), a literatura de cordel precisa ser reconhecida como uma ferramenta pedagógica de grande valor para enriquecer os processos de ensino e aprendizagem, promovendo ampla valorização da cultura popular brasileira e contribuindo, por fim, para a formação de alunos e alunas mais críticos, criativos e conscientes de sua identidade cultural no contexto brasileiro.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, M. Histórias de cordéis e folhetos. Campinas: SP: Mercado de Letras, 1999.
- ARAÚJO, Cleberon Vieira. De Repente Virou Cordel: Uma Proposta de Trabalho. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano. Monografia. Salgueiro, 2022.
- AZEVEDO, R. Formação de leitores, cultura popular e contexto brasileiro. *Jornal da USP*, Ano XXI, nº 749, de 16 a 22 de Janeiro de 2006. Disponível em: <http://www.ricardoazevedo.com.br/wp/wp-content/uploads/Formacao-de-leitores.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2024.
- BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Traduzido por Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2011
- BRANDÃO, Adelino. Crime e castigo no cordel. Rio de Janeiro: Presença, 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018.
- BRITO, Emerson Paes; FERNANDES, Diego Cássio Garcia; ALMEIDA, Kalinca Waldérea. Literatura de cordel no ensino de física: uma didática lúdica e cultural. *ENID*, 2023.
- CAMPELLO, Clarissa; SANTANA, Pablo. A Travessia do Boi: as brincadeiras na cultura popular brasileira. *Contraponto*, v. 8, n. 1, 2019.
- CONCEICAO, C. Z. S.; GOMES, Carlos Magno. A formação do leitor por meio da literatura de cordel. *Leia Escola*, v. 16, p. 96-109, 2016.
- CURRAN, Mark J. História do Brasil em cordel. Edusp, 1998.
- FONSÊCA, A.V.L; FONSÊCA, K.S.B. Contribuições da literatura de cordel para o ensino da cartografia. *Revista Geografia*, v. 17, n. 2, Londrina, 2008.
- HAURÉLIO, Marco. Breve história da literatura de cordel. Claridade, 2018.
- LACERDA, Franciane Gama; MENEZES NETO, Geraldo Magella. Ensino e pesquisa em história: a literatura de cordel na sala de aula. *Outros Tempos: Pesquisa em Foco-História*, v. 7, n. 10, 2010.
- LUCENA, Francisca Leila Freitas de. Acorda cordel na sala de aula: um projeto de Arievaldo Viana. In: *No desfolhar dos folhetos: escritos sobre cordel / Stélio Torquato Lima et al. (organizadores) - Macapá: UNIFAP, 2021.*
- LUYTEM, Joseph Maria. O que é literatura de cordel. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- MARTINS, João Guilherme. Questões de gênero em forma de cordel: análise da obra “Coração na aldeia, pés no mundo”, de Auritha Tabajara. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 18, n. 41, p. 265-271, 2020.
- RUFINO, Géssica Martins, O uso da Literatura de Cordel no Ensino da Física em uma escola estadual no Município de Santa Luzia – PB [manuscrito] / Géssica Martins Rufino, 2017.

SEVERO, Ione dos Santos. O Cordel em sala de aula: Uma proposta didática para a formação de leitores. In: No desfolhar dos folhetos: escritos sobre cordel / Stélio Torquato Lima et al. (organizadores) - Macapá: UNIFAP, 2021.